

“RENASCIMENTO” PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO ARQUITETÔNICA DA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DE CAMPOS NOVOS/SC, COM ÊNFASE NA CRIAÇÃO DE ESPAÇOS QUE FAVOREÇAM O CONFORTO, O BEM ESTAR E RECUPERAÇÃO

Acadêmico: Erik Novais Dos Santos Streme

Orientador(a): Larissa Voitke

A dependência química configura um desafio de saúde pública e social, exigindo espaços adequados para acolhimento e reabilitação. Muitas comunidades terapêuticas operam em estruturas improvisadas, o que compromete a dignidade e a eficácia do tratamento. Este estudo propõe a ampliação e requalificação arquitetônica da Comunidade Terapêutica São Francisco, em Campos Novos/SC, visando criar um ambiente humanizado e funcional. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza aplicada, envolveu revisão bibliográfica, análise de diretrizes públicas, estudos de caso e levantamento in loco. A partir da identificação das demandas espaciais, foi desenvolvida uma proposta arquitetônica baseada em princípios de humanização, acessibilidade e bem-estar. Os resultados indicam que a melhoria da infraestrutura contribui para a qualidade do acolhimento, fortalece o processo terapêutico e favorece a reinserção social, evidenciando a relevância da arquitetura no cuidado em comunidades terapêuticas.

1 INTRODUÇÃO

A dependência química representa um dos mais prementes desafios de saúde pública no Brasil, impactando milhões de vidas e gerando profundas consequências sociais, familiares e econômicas. O uso abusivo de substâncias psicoativas restringe a autonomia do indivíduo, exigindo estratégias de cuidado que transcendam a mera dimensão clínica e abranjam o complexo contexto psicossocial do acolhido.

Neste panorama, as Comunidades Terapêuticas (CTs) consolidam-se como estruturas essenciais de apoio, oferecendo acolhimento prolongado e um leque de intervenções focadas na mudança de hábitos, no fortalecimento emocional e, por fim, na reinserção social.

Contudo, a eficácia desse tratamento é frequentemente limitada pela própria estrutura física das instituições. Muitas CTs ainda operam em ambientes improvisados, desprovidos de um planejamento arquitetônico adequado. Espaços insalubres, com ventilação deficiente ou em situação de superlotação, podem não apenas intensificar quadros de ansiedade e dificultar o convívio, mas também comprometer a adesão e a continuidade do processo terapêutico.

A literatura especializada é clara ao demonstrar que o espaço físico exerce uma influência direta sobre o bem-estar, a motivação e a saúde mental dos usuários. Assim, a arquitetura emerge como um elemento fundamental e ativo no processo de cuidado.

Neste sentido, o presente estudo propõe a revitalização arquitetônica da Comunidade Terapêutica São Francisco, em Campos Novos/SC. A pesquisa busca, primordialmente, compreender de que forma a qualificação dos

ambientes pode contribuir significativamente para a dignidade, o conforto e a recuperação dos indivíduos em tratamento.

Adotando uma abordagem qualitativa, a metodologia fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e um minucioso levantamento *in loco*, respeitando as diretrizes públicas, normas vigentes e as necessidades específicas da instituição.

Ao investigar a intrínseca relação entre o ambiente construído e o processo terapêutico, este artigo visa evidenciar a necessidade de espaços humanizados, acessíveis e devidamente setorizados. Tais ambientes são cruciais para fortalecer vínculos, favorecer a convivência e apoiar ativamente a construção de novos projetos de vida. Dessa forma, reafirma-se o papel essencial da arquitetura como agente transformador no tratamento da dependência química e na promoção da qualidade de vida.

2 DESENVOLVIMENTO

A relação entre ambiente construído e bem-estar humano tem sido amplamente discutida nas últimas décadas, especialmente em contextos terapêuticos. Em instituições voltadas à recuperação da dependência química, a configuração espacial influencia fatores como pertencimento, segurança, interação social, privacidade e sensação de acolhimento, elementos fundamentais para a motivação e permanência dos acolhidos. Assim, a qualificação arquitetônica transcende a dimensão estética e assume papel terapêutico, contribuindo para a reconstrução de vínculos e para a reorganização da rotina dos indivíduos em tratamento.

A Comunidade Terapêutica São Francisco apresenta, atualmente, limitações estruturais que dificultam o desenvolvimento pleno de suas atividades. A edificação é composta por ambientes improvisados, distribuídos de maneira pouco funcional e sem unidade estética, o que compromete tanto o conforto quanto a eficiência organizacional. Observou-se, durante visita técnica, que muitos espaços não atendem às necessidades específicas da instituição, seja pela escassez de ventilação, iluminação inadequada, ausência de acessibilidade ou falta de áreas destinadas a atividades coletivas e individuais.

O processo de diagnóstico evidenciou a necessidade de requalificação de ambientes destinados à convivência, reflexão espiritual, acolhimento inicial e organização administrativa. Esses espaços são fundamentais para o cotidiano da instituição, pois representam pontos de encontro, diálogo, orientação e construção de vínculos entre acolhidos, equipe e visitantes. A seguir, apresentam-se as análises comparativas que fundamentaram as principais diretrizes de projeto.

A primeira situação observada refere-se à sala de reunião existente, utilizada para encontros internos, orientações e atividades espirituais. O ambiente atual apresenta dimensões reduzidas, ventilação limitada e mobiliário improvisado, o que impacta diretamente a qualidade das atividades ali realizadas. Na **Figura 1**, observa-se o estado atual desse espaço. Em resposta, a proposta arquitetônica prevê a criação de um novo Centro Ecumênico, ampliado, iluminado e projetado para acolher diferentes manifestações religiosas e momentos de introspecção. A **Figura 2** apresenta a solução proposta, que prioriza conforto térmico, acessibilidade e atmosfera contemplativa.

Outro ponto crítico identificado no diagnóstico é a área de recepção. Hoje, o espaço funciona de maneira informal, sem delimitação adequada entre atendimento, espera e fluxo de visitantes. Essa fragmentação prejudica a organização administrativa e a qualidade do acolhimento inicial, que é um momento sensível para famílias e novos residentes. A **Figura 3** mostra a recepção atual, caracterizada por mobiliário insuficiente e ausência de identidade visual. A proposta apresentada na **Figura 4** reconfigura esse ambiente, criando uma recepção funcional e humanizada, com área de espera confortável, setor de atendimento organizado e comunicação visual integrada com a identidade da instituição.

Os espaços de convivência também foram destacados como elementos fundamentais no cotidiano da comunidade. No modelo atual, essas áreas são reduzidas, pouco convidativas e desprovidas de elementos de lazer ou descanso. Como mostra a **Figura 5**, a configuração atual não favorece a socialização nem proporciona um ambiente adequado para atividades informais. A proposta arquitetônica, representada na **Figura 6**, amplia essas áreas e incorpora mobiliário apropriado, iluminação natural, paisagismo e tratamento acústico, assegurando que os acolhidos disponham de um local acolhedor para interações espontâneas e momentos de descontração.

A requalificação espacial inclui ainda aspectos como acessibilidade universal, segurança, organização dos fluxos internos e integração entre os diferentes setores da edificação. A proposta de setorização reordena as funções internas de modo a separar áreas de descanso, atendimento, convívio e atividades produtivas, garantindo melhor controle, privacidade e funcionalidade. Essa nova organização facilita o trabalho da equipe técnica

e permite que os acolhidos se orientem com mais clareza no espaço, reduzindo conflitos e melhorando a rotina institucional.

Além das melhorias funcionais, o projeto também enfatiza aspectos de bem-estar emocional. O uso de cores suaves, iluminação natural e integração com áreas verdes colabora para criar ambientes mais tranquilos e acolhedores, reforçando a sensação de cuidado. Estudos na área de neuroarquitetura evidenciam que ambientes qualificados podem reduzir estresse, ampliar a percepção de segurança e estimular comportamentos positivos, benefícios essenciais em contextos de tratamento terapêutico.

A proposta final reafirma a importância da arquitetura como instrumento de transformação social. Ao qualificar ambientes críticos como recepção, convivência e espaço espiritual, o projeto contribui para um acolhimento mais digno e para a construção de um percurso terapêutico mais humano. Assim, a intervenção arquitetônica não se limita a solucionar problemas espaciais, mas oferece suporte direto ao processo de reinserção, autoestima e autonomia dos acolhidos.

3 CONCLUSÃO

A análise realizada evidenciou que a infraestrutura da Comunidade Terapêutica São Francisco apresenta limitações significativas que impactam diretamente a qualidade do acolhimento e o desenvolvimento das atividades terapêuticas. Ambientes improvisados, circulação pouco eficiente e ausência de espaços adequados para convivência, acolhimento inicial e práticas espirituais comprometem a rotina dos acolhidos e da equipe

técnica. Diante desse diagnóstico, a proposta arquitetônica desenvolvida buscou requalificar a instituição por meio de soluções humanizadas, funcionais e orientadas pelas necessidades reais da comunidade.

A concepção dos novos ambientes — incluindo a recepção, os espaços de convivência e o centro ecumênico — demonstra que a arquitetura pode contribuir de maneira efetiva para o bem-estar, a organização e o fortalecimento das relações sociais. Ao criar espaços iluminados, ventilados, acessíveis e setorizados de forma coerente, o projeto amplia a sensação de acolhimento, favorece a permanência no tratamento e estimula a construção de vínculos, elementos fundamentais no processo de reabilitação da dependência química.

Os resultados reforçam que o ambiente físico não é um cenário neutro, mas um componente ativo na promoção da saúde mental e emocional. A integração entre funcionalidade, estética e humanização revela-se essencial para instituições terapêuticas que buscam oferecer cuidado integral. Assim, a proposta apresentada contribui não apenas para a melhoria da infraestrutura, mas também para o fortalecimento do papel social da Comunidade Terapêutica São Francisco, oferecendo parâmetros que podem orientar intervenções futuras em instituições semelhantes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. **Neuroarquitetura: como o ambiente influencia o comportamento humano**. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Resolução nº 3, de 24 de janeiro de 2024**. Brasília, 2024.

CARVALHO, A. M. **A influência do espaço construído no bem-estar emocional**. São Paulo: Ed. Técnica, 2019.

FRANCO, E.; PESSOA, M. **Arquitetura terapêutica e saúde mental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

GOMES, L. **Humanização dos espaços coletivos: diretrizes para ambientes terapêuticos**. Revista Arquitetura & Sociedade, v. 12, n. 3, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Séries históricas de Campanha Nacional**. Brasília: INCRA, 2018.

JUNIOR, P. L. **Arquitetura social e requalificação de instituições de acolhimento**. Florianópolis: EdUFSC, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre drogas**. Genebra: OMS, 2022.

PAIVA, G. **Ambientes de cura: arquitetura aplicada a espaços de tratamento**. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

RAMOS, C.; DUTRA, L. **Comunidades terapêuticas: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

RIBEIRO, F. **Acolhimento e ambiência em saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

RODRIGUES, S. **Arquitetura e espiritualidade: espaços de reflexão**. São Paulo: UNESP, 2018.

TRINDADE, M.; PEREIRA, H. **A importância dos espaços de convivência em comunidades terapêuticas**. Revista Humanidades, v. 6, n. 1, 2022.

Figura 1: Sala de reunião existente



Fonte: Comunidade São Francisco, 2025.

Figura 2: Solução proposta para esse espaço



Fonte: O autor, 2025.

Figura 3: Recepção atualmente



Fonte: Fonte da imagem

Figura 4: Proposta para a recepção



Fonte: O autor, 2025.

Figura 5: Espaço de convivência atual



Fonte: Fonte da imagem

Figura 6: Proposta para espaços de convivência



Fonte: O autor, 2025.